

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Sidnéia Baleeiro Botelho¹
Maria Aparecida Antunes Moreira²

RESUMO:

O presente artigo tem o objetivo conhecer e apresentar a relevância do Psicopedagogo no assessoramento dos diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem. O psicopedagogo contribui no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. O Psicopedagogo na instituição assumirá o compromisso com a transformação da realidade escolar, à medida que se propõe a fazer uma reorientação do processo de ensino-aprendizagem refletindo os métodos educativos e numa atitude investigativa descobrir as causas dos problemas de aprendizagem que se apresenta na instituição e que se depara em sala de aula. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Entende-se que são vários os fatores que influenciam a aprendizagem, e o reconhecimento destes são vantajosos para que as intervenções alcancem seus objetivos, propondo e auxiliando no desenvolvimento de projetos favoráveis sobre as mudanças educacionais, visando evitar processos que conduzam a dificuldades da construção do conhecimento.

Palavras Chave: Família; Escola; Ação; Transformação; Sociedade.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - Assunção - Paraguai. E-mail: modasnatura@hotmail.com Fone: 55 77 99118-1003.

² Professora doutora em Ciências da Educação pela UEP – Universidade Evangélica do Paraguai. Atua como orientadora de tese de mestrado pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - Assunção - Paraguai. E-mail: ciddamoreira@bol.com.br Fone: 55 38 99972-9097.

INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia constitui-se em uma justaposição de dois saberes - psicologia e pedagogia - que vai muito além da simples junção dessas duas palavras. Isto significa que é muito mais complexa do que a simples aglomeração de duas palavras, visto que visa a identificar a complexidade inerente ao que produz o saber e o não saber. É uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo o ser em processo de construção do conhecimento.

Surgiu no Brasil devido ao grande número de crianças com fracasso escolar e de a psicologia e a pedagogia, isoladamente, não darem conta de resolver tais fracassos. O Psicopedagogo, por sua vez, tem a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola e atender aos seus anseios, bem como verificar, junto ao Projeto Político-Pedagógico, como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem, como garante o sucesso de seus alunos e como a família exerce o seu papel de parceira nesse processo.

A atividade do psicopedagogo se distingue de todas as outras, pela sua natureza e pelo seu valor social. O psicopedagogo tem uma função complexa, considerando que a criança e o adolescente têm características únicas e necessidades muito diferentes. Conforme os conhecimentos se ampliam e o mundo se transforma por meio de inovações tecnológicas e de comunicação globalizada, as dificuldades se acumulam para o psicopedagogo que precisa se adaptar a novas exigências que promovam a aprendizagem do conhecimento que se propõe integrar conhecimentos científicos compreendendo e intervindo nos processos de aprendizagem humana.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do Psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas. Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino.

1- FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Quando pensamos em problema de aprendizagem imaginamos as várias faces que podem compor este problema: Qual a ordem deste problema? Familiar? Da escola? Do sujeito? Da sociedade? De todos estes fatores associados?

Os professores que não possuem um olhar psicopedagógico sobre a compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem dos seus alunos, no que se refere às relações entre afetividade e cognição, apresentam maiores dificuldades na organização de uma proposta de intervenção pedagógica, que contribua para a prevenção das dificuldades de aprendizagem.

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades e tem como objeto de estudo e trabalho a aprendizagem humana. Segundo Kiguel (1991), o objetivo central de estudo da psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo na instituição escolar observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola em atender seus anseios e participar das dinâmicas das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca, bem como diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem, atuando nas questões didático-metodológicas e na formação e orientação de professores e orientação aos pais.

Em virtude dessas considerações, pode se concluir que a atuação do psicopedagogo dentro da instituição escolar inicia-se por uma análise sobre vários aspectos da organização escolar. Além de ser primordial um trabalho em equipe, junto com os professores, alunos, equipe pedagógica e pessoal administrativo, procurando dentro deste contexto melhorar o relacionamento entre si e entre grupos, tendo como meta a melhoria das condições de aprendizagem individual e grupal.

O Psicopedagogo contribui para a práxis do professor de Educação escolar na medida em que oferece aporte teórico para a apropriação de relações entre afeto e cognição.

O Psicopedagogo contribui significativamente para a prevenção das dificuldades de aprendizagem e do fracasso escolar.

2 - O CAMPO EPISTEMOLÓGICO E A MULTIDIMENSIONALIDADE DO OBJETO DE ESTUDO PSICOPEDAGÓGICO

O surgimento da área de estudo da psicopedagogia pode ser entendido, segundo Kiguel, citada por Bossa (2007, p.20), a partir de duas possibilidades. Sendo na primeira, a autora sugere que a psicopedagogia surgiu na fronteira entre a pedagogia e psicologia devido à necessidade de atendimento para as crianças consideradas inaptas dentro do sistema educacional, por apresentarem distúrbios de aprendizagem.

Tendo como segunda possibilidade, ela se refere que a psicopedagogia pode ter surgido como uma tentativa de explicação para o fracasso escolar, por outras vias que não a pedagógica e a psicológica.

Percebe-se que o campo epistemológico da Psicopedagogia é o processo de aprendizagem humana. Característica essa multidimensional do objeto de estudo que refere-se a uma complexa série de fatores: questões pré-subjetivas (social, linguagem, conformação neurobiológica) e a questões subjetivas (processos de construção do conhecimento e da constituição da subjetividade e a dinâmica afetiva). Ampliando as ideias trabalhadas temos as contribuições de Lemme (2009) ao enfatizar:

Dificuldade de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, da fala, da leitura, da escrita, do raciocínio ou das habilidades matemáticas. É importante não se confundir dificuldade de aprendizagem com fracasso escolar, que embora tenham semelhanças na forma de se manifestarem, pertencem a categorias diferentes. (LEMME, 2009, p.167-168)

Percebe-se que o objeto central de estudo é o processo de aprendizagem humana, envolvendo os padrões evolutivos normais e patológicos, levando em consideração a influência do meio (família, escola, sociedade) no desenvolvimento.

Inicialmente, tanto os teóricos argentinos como os teóricos brasileiros ocupavam-se do tema da aprendizagem, tendo como causa e razão os problemas advindos do processo de aprendizagem. O foco era o sujeito que não podia aprender.

Segundo Sánchez (2008), o campo epistemológico da psicopedagogia caracteriza-se por um raciocínio diagnóstico e uma metodologia de intervenção que

busca ter um olhar o sujeito na relação com o objeto de conhecimento em situação de aprendizagem; busca considerar sujeito e objeto como entidades indissociáveis; conceber o sujeito em seu contexto sociohistórico; admitir a possibilidade de um conhecimento transdisciplinar, embora ele se tenha construído na perspectiva interdisciplinar; e ter a clínica das dificuldades de aprendizagem como espaço privilegiado para o desenvolvimento da teoria psicopedagógica.

Diante dessas afirmações esses teóricos enfatizam a grande importância da ligação entre a psicopedagogia e seu contexto histórico, conhecer o ambiente em que o aluno está inserido é o principal ponto para fazer um levantamento das suas necessidades.

Durante o processo educativo a ação psicopedagógica procura investir numa concepção de ensino-aprendizagem que fomente interações pessoais, estimule a postura transformadora de toda a comunidade educativa e busque inovar a prática escolar contextualizando-a e enfatize o essencial: conteúdos e conceitos estruturados, com significado relevante.

De modo geral, Bossa afirma (2007, p. 23) os teóricos argentinos consideram como objeto de estudo ou o pilar base da psicopedagogia “a aprendizagem com seus problemas”. A autora ressalta as concepções de Alicia Fernández, e o dos psicopedagogos Jorge Visca e Marina Muller sobre as teorias a que a psicopedagogia recorre para compreender e intervir sobre o seu objeto de estudo.

A legitimidade da produção teórica do campo da Psicopedagogia tem sido buscada pelos psicopedagogos e vários esforços têm sido feitos para ascender os degraus para a constituição de um campo de conhecimento científico que possibilite à Psicopedagogia estar na academia, desfrutando dos assentamentos necessários para a produção do saber, ou seja, para que possamos ter os subsídios e o apoio destinados à pesquisa em nosso país.

Durante quase três décadas, temos trabalhado com obstinação, superando obstáculos de toda ordem, na crença inabalável de que esse conhecimento representa enorme avanço no desenvolvimento do ser humano. Uma verdadeira compreensão acerca da aprendizagem representa a construção de uma nova concepção de ser humano. Revoluciona conceitos fundamentais de áreas como Educação, Saúde e outras.

2.1 - CAMPOS DE ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

Segundo Andrade (2004) a psicopedagogia ainda está buscando a “autonomia de uma disciplina” e delimitando cientificamente a aprendizagem humana com sua temática, o sujeito aprendente ou o sujeito em situação de aprendizagem como seu sujeito e a pesquisa de intervenção como o seu método de investigação da realidade que lhe interessa- a aprendizagem humana com todos os seus matizes, alcances e limites.

É consenso entre os autores apontar a psicopedagogia como uma área de conhecimento ou de atuação “interdisciplinar nos processos de aprendizagem” (CASTANHO 2002 p.30).

3 - REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa destaca o campo de atuação da prática psicopedagógica e nos relata sobre a Psicopedagogia Institucional, no qual a escola ainda é a principal e mais importante instituição a reclamar pela presença e pela intervenção psicopedagógica em seu cotidiano. Calberg (2000, p. 16), mostra que a escola, em diversas situações tem sido “produtora de dificuldades de aprendizagem”, o que ele chama de ‘dispedagogia’, indicando esse conceito “as dificuldades encontradas pela escola em sua prática, referentes à metodologia de ensino ou ao vínculo que estabelece com seus alunos”. Cabe a Psicopedagogia ressignificar as relações no espaço institucional da escola, bem como o conhecimento aí produzido, pois “ninguém aprende e apreende sem afeto, sem desejo, sem curiosidade e sem vivenciar objetivamente o conteúdo em questão” (CASTRO, 2004, p. 111)

De acordo com Calberg (2000, p.17) ao psicopedagogo que atua o campo da psicopedagogia institucional escolar compete uma série de tarefas, dentre as quais.

[...] administrar ansiedades e conflitos; trabalhar com grupos [...] identificar sintomas de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem; organizar projetos de prevenção, clarear papéis e tarefas nos grupos, ocupar um papel no grupo; criar estratégias para o exercício da autonomia (aqui entendido segundo a teoria de Piaget: cooperação e respeito mútuo); fazer a mediação entre os subgrupos envolvidos na relação ensino-aprendizagem (pais, professores, alunos, funcionários); transformar queixas em pensamentos; criar espaços de escuta; levantar hipóteses; observar; entrevistar e fazer devolutivas; utilizar-se de metodologia clínica, olhar

clínico; estabelecer vínculo psicopedagógico; não fazer avaliação psicopedagógica clínica individual dentro da instituição escolar [...]; fazer acompanhamentos e orientações; compor a equipe técnica-pedagógica (CALBERG, 2000, p.17).

O Projeto de Lei 3.124/97 descreve as funções do psicopedagogo, estabelecendo um perfil desse profissional, cujo “saber diversificado oriundo de várias áreas do conhecimento humano” o torna competente para:

[...] realizar intervenção visando à solução dos problemas de aprendizagem tendo como enfoque o educando, instituição de ensino pública ou privada; efetuar o diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumento e técnicas próprias da Psicopedagogia; intervir na prevenção de problemas de aprendizagem; pesquisar cientificamente o processo ensino-aprendizagem, assim como os problemas que dele decorrem; oferecer assessoria psicopedagógica aos trabalhos realizados em espaços institucionais; coordenar, orientar e supervisionar cursos de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, oferecidos por instituições credenciadas. (COSTA, 2007, pag.98)

Portanto, diante das pesquisas que investigaram a Psicopedagogia escolar pode-se delinear a trajetória percorrida para garantir a presença do psicopedagogo no espaço escolar para que através de saberes próprios da área, integrados as áreas afins, possam atuar na prevenção e na intervenção apropriada a fim de entender e minimizar os problemas de aprendizagem. Para tanto, porém, é necessário que se lute pela implantação de fato, do que já está estabelecido em lei.

3.1 A PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA NA ESCOLA

A prática psicopedagógica na escola implica num trabalho de caráter preventivo e de assessoramento no contexto educacional.

Seguindo a linha de análise de Bossa, "pensar a escola à luz da Psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade".

Quando se refere a prática pedagógica, é essencial que se considere as relações entre produção escolar e as oportunidades reais que a sociedade dá às diversas classes sociais. A escola e a sociedade não podem ser vistas isoladamente, pois o sistema de ensino (público ou privado) reflete a sociedade na

qual está inserido. Observa-se que alunos de baixa renda ainda são estigmatizados, na questão do aprendizado, como deficientes.

A escola caracteriza-se como um espaço concebido para realização do processo de ensino/aprendizagem do conhecimento historicamente construído; lugar no qual, muitas vezes, os desequilíbrios não são compreendidos (GASPARIAN, 1997, p.24)

Numa instituição escolar, muitos acreditam que o psicopedagogo vai solucionar todos os problemas existentes (dificuldade de aprendizagem, evasão, indisciplina, desestímulo docente, entre outros). No entanto, o psicopedagogo não vem com as respostas prontas. O que vai acontecer será um trabalho de equipe, em parceria com todos que fazem a escola (gestores, equipe técnica, professores, alunos, pessoal de apoio, família). O psicopedagogo entra na escola para ver o "todo" da instituição.

Barbosa afirma que "a escola caracteriza-se como um espaço concebido para realização do processo de ensino/aprendizagem do conhecimento historicamente construído; lugar no qual, muitas vezes, os desequilíbrios não são compreendidos".

O grande desafio das escolas, nos dias de hoje, é despertar o desejo dos alunos para que possam sentir prazer no aprender.

A opinião de Barbosa é clara quando argumenta que:

Transformar a aprendizagem em prazer não significa realizar uma atividade prazerosa, e sim descobrir o prazer no ato de: construir ou de desconstruir o conhecimento; transformar ou ampliar o que se sabe; relacionar conhecimentos entre si e com vida; ser co-autor ou autor do conhecimento; permitir-se experimentar diante de hipóteses; partir de um contexto para a descontextualização e vice-versa; operar sobre o conhecimento já existente; buscar o saber a partir do não saber; compartilhar suas descobertas; integrar ação, emoção e cognição; usar a reflexão sobre o conhecimento e a realidade; conhecer a história para criar novas possibilidades. (BARBOSA, 2001, p.74)

Barbosa ressalta, ainda, que "a Psicopedagogia, como área que estuda o processo ensino/aprendizagem, pode contribuir com a escola na missão de resgate do prazer no ato de aprender e da aprendizagem nas situações prazerosas".

O psicopedagogo sabe que para aprender são necessárias condições cognitivas (abordar o conhecimento), afetivas (estabelecer vínculos), criativas (colocar em prática) e associativas (para socializar).

Deve-se estar atento frente às grandes mudanças que ocorreram nas propostas educacionais

A apropriação leva um tempo até ser introspectada, compreendida e colocada em prática. As mudanças (a introdução no novo) num ambiente escolar têm que ser escalonadas e sucessivas, priorizando-se e hierarquizando-se as ações.

Barbosa ratifica que a atuação psicopedagógica junto a um grupo ou instituição, para ser operante precisa interpretar os papéis desempenhados, a forma como foram atribuídos e assumidos, assim como as expectativas que se encontram latentes neste movimento de atribuir e aceitar o papel. [...] A tarefa de cada um deve estar voltada para o aprender, desde a direção até a portaria ou o serviço de limpeza.

3.2 - A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, como a banalização da informação, a revolução digital, da nova política, da nova economia e dos desequilíbrios familiares, torna-se necessário que o professor faça dos conteúdos habituais de suas disciplinas instrumentos, que além de qualificarem para a vida, estimulem capacidade e competências, com o intuito de estimular todas as inteligências de seus alunos (ANTUNES, 2000).

Faz-se necessário que o professor deva se reconstruir, criando no aluno um ser crítico, auxiliando na formação de sua personalidade. Valorizando a luta pelo seu espaço na sociedade, derrubando barreiras e vencendo obstáculos que a vida possa lhe proporcionar.

Se todos os docentes tiverem a intenção de estimular em seus alunos o amor pelo saber e o respeito pela diversidade e criação, devem buscar o contraste crítico e reflexivo (GÓMEZ, 2001, p.304).

Segundo Pombo (2000, p.80), o educador deveria ter por objetivo preparar adultos livres de traumas psicológicos, pessoas que não estivessem intencionadas de tirar dos outros a felicidade que delas próprias foi retirada.

A interação professor aluno vem se tornando muito mais dinâmica nos últimos anos. O professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam

crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência construtiva.

Portanto a educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria cada vez mais importante: o conhecimento.

Dentro deste contexto, é imprescindível proporcionar aos educandos uma compreensão racional do mundo que o cerca, levando-os a um posicionamento de vida isento de preconceitos ou superstições e a uma postura mais adequada em relação a sua participação como indivíduo na sociedade em que vive e do ambiente que ocupa.

Partindo deste principio pode-se considerar o docente como principal agente no processo de ensino, tendo um papel ativo na formação de seus alunos, auxiliando e incitando a reconstrução dos esquemas de pensamento, sentimento e comportamento de cada indivíduo.

Esta concepção inclui tanto despertar a ativa participação intelectual do próprio educando como facilitar o contraste com as formulações alternativas das representações críticas da cultura intelectual (GÓMEZ, 2001).

A profissão professor é de suma importância, para a sociedade, pois o profissional trabalha, para formar um estudante, pleno de uma cultura geral e de diversidade, de um conhecimento científico, de raciocínio lógico, capacidade de comunicação e trabalho em grupo, que seja reflexivo e capaz de aprender a aprender, de ser, fazer e conhecer, além é claro de ser criativo habilidoso e competente.

3.3 A PARTICIPAÇÃO E INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

O conceito de família mudou muito nos últimos tempos, não há mais um padrão de família, e sim uma variedade de padrão familiar, com identidade própria em constante desenvolvimento.

Independente dessa mudança à família continua sendo o primeiro local de aprendizado das crianças, é através dela que acontece os primeiros contatos sociais e as primeiras experiências educacionais. A família está diretamente ligada as atitudes comportamentais da criança.

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso de tarefas que não excedam as capacidades da criança e forem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de autoconfiança e autoestima. (SABINI, 1998, p.65)

Percebe-se a grande importância dos pais no desenvolvimento cognitivo e evolutivo da criança, a sua ausência no ensino aprendizagem dos alunos podem ocasionar baixo desempenho e até mesmo a repetência escolar.

Sem a família não há como promover uma boa educação. A participação dos mesmos na vida escolar de seus filhos é indispensável para que a criança se sinta amada e motivada a obter avanços em sua aprendizagem. Sendo assim a família e a escola precisam ser parceiras para que os alunos possam realmente ter um maior aproveitamento na aprendizagem, não basta apenas à escola se preocupar na aprendizagem, e os pais não se preocuparem. O conhecimento e o aprendido não são adquiridos somente na escola, mas também são construídos pela criança em contato com o social, dentro da família e no mundo que a cerca.

A família é o primeiro vínculo da criança e é responsável por grande parte da sua educação e da sua aprendizagem. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, por exemplo, de uma entrevista e de uma anamnese com essa família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social.

Nessa perspectiva, o psicopedagogo não é um mero “resolvedor” de problemas, mas um profissional que dentro de seus limites e de sua especificidade, pode ajudar a escola a remover obstáculos que se interpõem entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos por meio da construção de práticas educativas que favoreçam processos de humanização e reapropriação da capacidade de pensamento crítico.

As ações realizadas pelo psicopedagogo junto com o sujeito com transtorno procura promover a reelaboração do processo de aprendizagem, assim

sendo essa intervenção propicia uma mudança na ação do sujeito em relação à aprendizagem. (SERRAT, 2002, p.56)

Acredita-se que o trabalho da Psicopedagogia quando encontra consonância e parcerias na escola, pode promover efeitos muito positivos para a minimização das dificuldades que emergem no contexto escolar, apesar de representar um constante desafio, pois requer o envolvimento de toda a equipe, e um desejo permanente de mudanças, para que as transformações, de fato, ocorram.

4 - CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA O TRABALHO COM ATIVIDADES LÚDICAS

Inseridos em atividades lúdicas, os alunos conseguem assimilar melhor os conteúdos trabalhados e sem dúvidas viajar através da imaginação. As manifestações lúdicas desenvolvem funções importantes no desenvolvimento da criança e se constituem um instrumento didático importante para o professor.

A brincadeira é de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança, pois é através dela que a criança expressa seus sentimentos em relação ao mundo em que vive. É também através das atividades lúdicas que as crianças reconhecem sua realidade e compreende o funcionamento do mundo e suas emoções, também se desenvolve como indivíduo e aprende a superar suas limitações, brincando e reproduzindo.

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... como se fora brincadeira de roda... (MARCELINO, 1996, p.38)

Percebe-se que o lúdico é uma necessidade do ser humano indiferente de sua idade e não deve ser visto meramente como diversão. O brincar é a essência da infância, ele permite a produção de conhecimentos, estimula a afetividade, assim, estabelecem-se com o brincar uma relação natural extravagando as angústias e paixões, alegrias, tristezas, agressividades.

Em todas as épocas o lúdico, o brincar faz parte da vida da criança, viver no mundo da fantasia, do encantamento, da alegria, dos sonhos. Parte da descoberta de si mesmo, do experimentar, do criar e recriar oportunizando ao indivíduo, seu saber, sua compreensão do mundo, seu conhecimento, facilitando a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e coletivo, trazendo benefícios para a saúde mental,

para a socialização, comunicação, expressão e valorizando sempre a criatividade que está inata nesta atividade.

Nessa perspectiva, a brincadeira é a principal ação que manifesta a essência da aprendizagem significativa na vivência do aprendiz. Por meio da ação do brincar, a criança, que naturalmente possui a característica da curiosidade, é inserida em um mundo de fantasia proporcionado por elas e pelo próprio contexto; a formação do saber aprimora-se através dessa prática importante.

Essa junção entre a formação da aprendizagem e a prática do brincar é pertinente para o fornecimento de informações específicas, que têm como meta explorar conteúdos que retratam a evolução da criança nesse contexto lúdico.

Por meio das brincadeiras que a criança cria oportunidade de interação com todos ao seu redor, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras, cognitivas e também da relação de afetividade entre os educandos, que estabelecem laços de amizade entre si e adquirem conhecimentos. A educação lúdica contribui para a formação do infante, possibilitando um enriquecimento pedagógico e de valores culturais, ensinando a respeitar as opiniões dos outros e ampliando o conhecimento.

A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. Sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (ALMEIDA, 2003, p.57)

Mediante a todos estes aspectos importantes a ludicidade propicia também o desenvolvimento de outros aspectos importantes como o desenvolvimento do raciocínio da criança, na brincadeira, a criança vai interpretar de uma forma mais positiva o conteúdo, ou aquilo que a professora quis passar para o aluno, irá sentir-se mais satisfeito e envolvido, parte do processo de aprendizagem.

5 - ANÁLISES DOS RESULTADOS

O conhecimento e o aprendizado não são adquiridos somente na escola, mas também são construídos pela criança em contato com o social, dentro da família e no mundo que a cerca. A família é o primeiro vínculo da criança e é responsável por grande parte da sua educação e da sua aprendizagem.

É por meio dessa aprendizagem que a criança é inserida no mundo cultural, simbólico e começa a construir seus conhecimentos, seus saberes. Contudo, na realidade, o que temos observado é que as famílias estão perdidas, não estão sabendo lidar com situações novas: pais trabalhando fora o dia inteiro, pais desempregados, brigas, drogas, pais analfabetos, pais separados e mães solteiras. Essas famílias acabam transferindo suas responsabilidades para a escola, sendo que, em decorrência disso, presenciamos gerações cada vez mais dependentes e a escola tendo que desviar de suas funções para suprir essas necessidades.

A escola, como observa Sarramona (apud IGEA, 2005, p 19), veio ocupar uma das funções clássicas da família que é a socialização: A escola se converteu na principal instituição socializadora, no único lugar em que os meninos e as meninas têm a possibilidade de interagir com iguais e onde se devem submeter continuamente a uma norma de convivência coletiva.

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, por exemplo, de uma entrevista com essa família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico. Vale lembrar o que diz Bossa (1994, p.74) sobre o diagnóstico:

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia, segundo vimos afirmando, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito.

Na maioria das vezes, quando o fracasso escolar não está associado às desordens neurológicas, o ambiente familiar tem grande participação nesse fracasso. Boa parte dos problemas encontrados é lentidão de raciocínio, falta de atenção e desinteresse. Esses aspectos precisam ser trabalhados para se obter melhor rendimento intelectual. Lembramos que a escola e o meio social também têm a sua responsabilidade no que se refere ao fracasso escolar.

A família desempenha um papel decisivo na condução e evolução do problema acima mencionado, pois, muitas vezes, não quer enxergar essa criança com dificuldades, essa criança que, muitas vezes, está pedindo socorro, pedindo um

abraço um carinho, um beijo e que não produz na escola para chamar a atenção para o seu pedido, a sua carência. Esse vínculo afetivo é primordial para o bom desenvolvimento da criança.

Concordamos com Souza (1995, p.58) quando diz que... fatores da vida psíquica da criança podem atrapalhar o bom desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que atitudes parentais influenciam sobremaneira a relação da criança com o conhecimento.

Sabemos que uma criança só aprende se ela tem o desejo de aprender. E para isso é importante que os pais contribuam para que ela tenha esse desejo. Existe um desejo por parte da família quando a criança é colocada na escola, pois da criança é cobrado que seja bem-sucedida. Porém, quando esse desejo não se realiza como esperado, surgem a frustração e a raiva que acabam colocando a criança num plano de menos valia, surgindo, daí, as dificuldades na aprendizagem.

Para Boszormeny (apud Polity, 2000), uma criança pode desistir da escola porque aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Isso se produz, em resposta à depressão da mãe e da falta de disponibilidade emocional do pai que, de maneira inconsciente, ratifica a necessidade que tem a esposa, que seu filho a cuide.

Intervenção psicopedagógica também se propõe a incluir os pais no processo, por intermédio de reuniões, possibilitando o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores. Assegurada uma maior compreensão, os pais ocupam um novo espaço no contexto do trabalho, abandonando o papel de meros espectadores, assumindo a posição de parceiros, participando e opinando.

A ação psicopedagógica na instituição escolar configura-se como uma prática instigante e desafiadora que exige do profissional a adoção de uma postura que veja o sujeito na sua integralidade.

É lançar um olhar reflexivo no cotidiano da escola, se comprometendo a modificá-la tornando-a um ambiente que proporcione e favoreça a aprendizagem ao mesmo tempo buscando soluções para os problemas já existentes. Assim consideramos de extrema relevância a ação do professor numa perspectiva psicopedagógica, pois essa possibilita uma intervenção e reorganização do processo de aprender para que este seja significativo para todos os sujeitos que deles fazem parte.

Portanto a Psicopedagogia contribui significativamente para o processo de ensino – aprendizagem. Caberá, pois ao professor a partir dos conhecimentos psicopedagógicos adotarem o olhar e a escuta direcionado ao sujeito multidimensional, sujeito da aprendizagem, rompendo com velhas práticas que não condizem com o nível de formação do qual é portador. Para tanto, defende-se o processo de formação constante e permanente para a construção de uma prática e de uma postura essencialmente psicopedagógica.

Psicopedagogia relaciona-se com a maneira como as pessoas aprendem e reporta-se à educação escolar e aos processos de ensino aprendizagem. Procura entender principalmente como se dá esse processo nos alunos que apresentam uma maneira diferenciada de aprender e que, nem sempre acertadamente, são chamadas de dificuldades. Só isso basta para que tais alunos apresentem uma baixa em seu autoestima e conseqüentemente em seu desempenho.

Ficou claro nesta pesquisa, que o aluno não pode ser o único responsável pelas dificuldades; as causas devem ser procuradas também num sistema escolar excludente; na formação precária dos professores e nas causas de risco social. Para a recuperação desses alunos e a superação das dificuldades a psicopedagogia necessita integrar-se com os saberes de outras áreas de conhecimento como a psicologia, a neurologia, a psicolinguística, a psiquiatria, a fonoaudiologia e outros.

Creemos que, atualmente, a psicopedagogia começa a escrever uma nova página na sua trajetória histórica, pois a necessidade de inserção de um psicopedagogo nas escolas se faz cada vez mais necessária frente aos problemas da educação. Por meio de uma ação consciente e comprometida o psicopedagogo não deve tão somente atuar junto aos alunos, mas também junto ao quadro de profissionais da educação para um repensar das práticas pedagógicas diante das dificuldades de aprendizagem, bem como junto às famílias para que assim se possa reverter o quadro de fracasso escolar brasileiro.

CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos a importância do Psicopedagogo Educacional, pois essa profissão atualiza e amplia a apresentação completa e sucinta dos procedimentos básicos da ação psicopedagógica.

Acredita-se que as intervenções relatadas no âmbito da formação de profissionais da Educação podem servir de referencial para a ação de psicopedagogo e formadores dos futuros profissionais da Psicopedagogia, favorecendo uma aprendizagem.

E também as funções multidisciplinar que esse profissional exerce, sendo que nessa perspectiva, o psicopedagogo não é um mero “resolvedor” de problemas, mas um profissional que dentro de seus limites e de sua especificidade, pode ajudar a escola a remover obstáculos que se interpõem entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos por meio da construção de práticas educativas que favoreçam processos de humanização e reapropriação da capacidade de pensamento crítico.

Sobre o docente esse trabalho deixou claro que o mesmo deve estar preparado e ciente de sua principal função e responsabilidade, que é a de auxiliar na construção do aluno e não apenas um transmissor de conteúdos do currículo escolar. Conseqüentemente os alunos não ficarão retidos somente em conteúdos, mas se preocuparão com a postura que devem ter para se relacionar com o conhecimento.

Assim sendo, considera-se que os educadores são responsáveis pelo saber-fazer em seu contexto educacional, construirão alunos e se construirão numa relação permanente e diária fundamentada na consciência crítica, reflexiva e política, em que, cidadãos se transformarão e transformarão a sociedade, com novos olhares, novos pensamentos pautados num progresso pátrio.

A Psicopedagogia, na instituição escolar, tem uma função complexa e por isso provoca algumas distorções conceituais quanto às atividades desenvolvidas pelo psicopedagogo. Numa ação interdisciplinar ela dedica-se a áreas relacionadas ao planejamento educacional e assessoramento pedagógico, colabora com planos educacionais e lúdicos no âmbito das organizações, atuando numa modalidade cujo caráter é clínico institucional, ou seja, realizado diagnóstico institucional e propostas operacionais pertinentes.

O estudo psicopedagógico atinge seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Para isso, devem analisar o Projeto Político-Pedagógico, sobretudo quais as suas propostas de ensino e o que é valorizado como aprendizagem.

Vale ressaltar, que na pesquisa e interação a investigação buscou-se uma análise de forma profunda do conteúdo que foi utilizado para interpretação dos dados abstraídos em: livros, teses, dissertações jornais e artigos. Tendo como objetivo compreender de forma crítica o significado do conteúdo exposto, que aborda a temática.

REFERÊNCIAS

Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis anos
Vera Barros de Oliveira, Nádya Aparecida Bossa Editora Vozes Brasil 2011 19ª edição.

ANDRADE, M. S. Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia: análise Crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. **Cadernos de Psicopedagogia**, v.3, n. 6, 70-71, junh. 2004.

BASSEADAS, E. **Intervenção educativa e diagnóstica psicopedagógico**. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Barbosa LMS. **A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente; 2001.

BARBOSA, Tatagiba Ana Paula. **O que os olhos não vêem ... práticas e políticas em Educação Infantil no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFF, 2002. Dissertação de Mestrado em Política Social (mimeo).

BOSSA, Nádya A. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS, Artmed, 2007. BRASIL,

CESÁRIO, João Batista. **Psicopedagogia e Inclusão Social: Intervenção psicopedagógica com crianças em situação de risco**. Monografia (Especialização em Educação e Psicopedagogia) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007, 101 pp.

CHAMAT, L. S. J. **Diagnóstico Psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista**. São Paulo: Vetor, 2004.

COUTINHO, Karyne Dias. **A Emergência da Psicopedagogia no Brasil..** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/14213/1/diagnostico-psicopedagogico-na-instituicao-escolar/pagina1.html#ixzz0sOS3BGrU>

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **Contribuições do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional**, -São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

Lei nº. 9394 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Acesso em: 28 de Junho de 2016.

MONEREO, Carles. **O Assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OKANO, C.B; LOREIROS,S.R; LINHARES, M.B.M; MARTURANO, E.M. **Crianças com dificuldades escolares atendidas em Programa de Suporte Psicopedagógico na Escola: Avaliação de Autoconceito**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17 (1), PP.121-128. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

OSTI, A.; MARCELINO E.L. **A importância do trabalho Psicopedagógico: incentivo institucional e atendimento às crianças com dificuldades escolares**. Revista de Educação. Vol XI, N. 11, ano 2008. p. 75-88.

OSTI,A; JÚLIO, A.A; TORREZIN,A.L.; SILVEIRA,C.A.F. **A atuação do psicopedagogo em instituições de ensino: relato de experiência**. Revista de Educação, VIII,n.8,2005. P.150-155

PERES, M.R. (2007). **Psicopedagogia: limites e possibilidades a partir de relatos de profissionais**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo. pp.xvi+200.

SCOZ, BARONE, CAMPOS & MENDES. **Psicopedagogia: Contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.

SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. D. T.; SOUZA, M. T. C. C.; BRENELLI, R. P.(orgs). **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem escolar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996